

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

FERNANDA MARTINGO TULHA

**POR IMAGENS, POR EFLÚVIOS, POR AFETOS:
TRANSVER POETICAMENTE /
um encontro entre Manoel de Barros e fenomenologia**

SÃO PAULO
OUTONO DE 2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

FERNANDA MARTINGO TULHA

**POR IMAGENS, POR EFLÚVIOS, POR AFETOS:
TRANSVER POETICAMENTE /
um encontro entre Manoel de Barros e fenomenologia**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial
para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação
da Prof^ª Dr^ª Fabiola Freire Saraiva de Melo.

SÃO PAULO
OUTONO DE 2016

AGRADECIMENTOS

Faço chegada em algum lugar! E emociono-me profundamente por esse chegar no e do Trabalho de Conclusão de Curso. Até aqui trilhei um caminho e este deu-se sempre em-um-mundo e com-os-outros. É por isso que, entendo, esse trabalho de maneira alguma é somente meu, mas sim, é de tudo e de todos que povoaram o meu caminhar. O com-par-trilho, portanto, com estes, que, cada qual a seu modo, estiveram comigo. Que esses agradecimentos possam fazer aparecer um pedacinho dessas presenças.

Obrigada, primeiramente, à angústia. Coisinha aguda que me acompanha, sempre e em qualquer tempo, com a qual não canso de brigar, mas, também, que amo imensamente. Por me cutucar, por fazer mover, por fazer querer mover. Por fazer ser! Nosso caso é um caso sério.

Obrigada mar, por me matar e me nascer. Obrigada vento, mato e águas, por me tocarem num lugar de tamanha profundidade, por fazerem viva este corpo que sou.

Obrigada também às gentes todas que me acompanharam ao longo desse processo.

Obrigada Fabiola Freire Saraiva de Melo, minha orientadora nesse trabalho. Por sua abertura. Por me permitir, por vezes, o devaneio. Por abrir espaço onde foi possível sustentar tanto as pirraças e os desesperos quanto a criação. Obrigada por alargar horizontes.

Obrigada minha querida avó Sylvia. Pelos banhos de cachoeira (de rio e da calha do telhado), pelos pés sujos de lama, pelo espaço às minhas malucas invencionices, pelos aplausos às peças de teatro, pelos acampamentos, pelas trilhas, pelos não-biscoitos-de-vó, pelas trocas literárias. Pelo pôr-do-sol! Esses encontros todos moram em mim e fazem florescer. Acredito ser essa terra o lugar de onde brota grande parte deste trabalho.

Obrigada meu avô João, que me sentava a seu lado para ler e falar francês. Por suas fissuras que, ao me permitirem ver além do homem enrijecido que fingia ser, apresentaram-me o colorido da literatura e da poesia.

Obrigada minha mãe, Sônia, por acreditar incansavelmente. Pelo apoio e pela luta diária. Por tanto investimento... Sem você meu mundo não seria possível.

Obrigada meu pai, Fernando, pelas presenças e não presenças. Obrigada pelos ensinamentos.

Obrigada à todas as companhias da família que, imensa como é, não caberia em nomes nessas páginas.

Obrigada amigas e amigos que caminharam ao lado ao longo desse tempo, de beleza por vezes sofrida. Pela paciência, pela escuta, pelos sorrisos. Sem a partilha nossa nada disso seria possível. Um agradecimento especial à Heloisa Yzumida, companheira ferrenha nesse momento

final de graduandas. Pela presença, pela troca, pelas intensidades, pelo ser-de-corpo-inteiro. Pelas lágrimas, devaneios, angústias, risos e acalanto. A poesia nossa, amiga, colore meu caminhar!

Obrigada às professoras e aos professores que iluminaram meu caminho. Por apresentarem horizonte, por me instigarem a fabricar novos mundos. Levo cada um comigo.

Obrigada a todas e todos aqueles com quem cruzei ao longo das práticas e estágios da formação em psicologia. Dos encontros tantos, em grupos, em atendimentos, escola, dispositivos de cuidado vários, àqueles com quem tive o privilégio de aprender. A cada olhar pude me fazer mais Fernanda e, pouco a pouco, desvelar a psicóloga que desejo ser. Obrigada.

Um agradecimento especial a este com quem nunca encontrei, mas com o qual tive um encontro tão profundo: Manoel de Barros. Obrigada por compartilhar comigo a singeleza de seu olhar. Suas palavras, em tamanha simplicidade, entregam-me à pequenez de meu existir. Pequena assim, vez ou outra posso mergulhar nos rios e virar a imensidão que só as águas sabem ser. Obrigada, Manoel, por carregar água na peneira!

Por fim, obrigada àqueles que se doam ao ler esse trabalho. Se alguma de minhas palavras puder lhes tocar, elas se fazem, então, também suas por inteiro.

Afeto!

(vazio.

cheio de nada.
e tudo.
é tudo.)

Ah viver é tão desconfortável. Tudo aperta: o corpo exige, o espírito não pára, viver parece ter sono e não poder dormir – viver é incômodo. Não se pode andar nu nem de corpo nem de espírito.

Eu não te disse que viver é apertado? Pois fui dormir e sonhei que te escrevia um largo majestoso e era mais verdade ainda do que te escrevo: era sem medo. Esqueci-me do que no sonho escrevi, tudo voltou para o nada, voltou para a Força do que Existe e que se chama às vezes Deus.

Tudo acaba mas o que te escrevo continua. O que é bom, muito bom. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas.

(...).

Aquilo que ainda vai ser depois - é agora. Agora é o domínio de agora. E enquanto dura a improvisação eu nasço.

E eis que depois de uma tarde de "quem sou eu" e de acordar à uma hora da madrugada ainda em desespero - eis que às três horas da madrugada acordei e me encontrei. Fui ao encontro de mim. Calma, alegre, plenitude sem fulminação. Simplesmente eu sou eu. e você é você. É vasto, vai durar.

O que te escrevo é um "isto". Não vai parar: continua.

Olha para mim e me ama. Não: tu olhas para ti e te amas. É o que está certo.

O que te escrevo continua e estou enfeitiçada.

(Clarice Lispector)

**Título: POR IMAGENS, POR EFLÚVIOS, POR AFETOS: TRANSVER
POETICAMENTE / um encontro entre Manoel de Barros e fenomenologia**

Autora: Fernanda Martingo Tulha

Orientadora: Prof^a Dr^a Fabiola Freire Saraiva de Melo

Área de Conhecimento: 7.07.00.00-1 - Psicologia

RESUMO

Este trabalho pretendeu apresentar uma compreensão sobre um modo poético de ser a partir do encontro com a obra de Manoel de Barros. O objetivo desse estudo foi uma aproximação da poética barreana a partir de um olhar construído no contato com o pensamento da fenomenologia-existencial de Martin Heidegger. A partir de textos do filósofo, em especial *Ser e Tempo*, *Hinos de Hölderlin* e “...*Poeticamente o homem habita ...*”, fundamentou-se uma compreensão do que se chama aqui de modo poético de ser. Foram, então, selecionados alguns poemas da obra de Manoel de Barros para se discutir esse modo de ser e olhar para o mundo. Os sentidos desvelados nesse exercício de compreensão hermenêutica revelaram que o poeta, em seu fazer, destituiu o sentido usual das palavras e das coisas, possibilitando, assim, uma abertura do existir – um “esticamento de horizontes”. O trabalho apontou, ainda, para possíveis contribuições dessa compreensão a respeito do modo poético de ser para as práticas em psicologia, bem como para o seu processo de fazer conhecimento.

Palavras-chave: Manoel de Barros - poesia - fenomenologia

SUMÁRIO

ABERTURA (ou descomeço): a apresentação de um caminho.....	8
MÉTODO: o modo do caminhar.....	12
Procedimentos metodológicos.....	16
FENOMENOLOGIA: um novo conhecer e a possibilidade de um modo de habitar o mundo	18
Do surgimento da fenomenologia.....	18
Da fenomenologia existencial de Martin Heidegger.....	20
a. Sobre a ontologia fundamental.....	21
b. Sobre a linguagem.....	23
c. Sobre a era da técnica: um modo coisificado de ser.....	24
d. Do modo poético de habitar a terra.....	27
MANOEL DE BARROS E FENOMENOLOGIA: encontro esticador de horizontes.....	29
Retalhos desbiográficos de Manoel de Barros.....	30
Manoel: seu dizer poético e fenomenológico.....	32
CONSIDERAÇÕES DE UM FIM: em sentido de novos começos.....	39
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
ANEXO (ou sem nexos): desimportância do pós fim.....	46

ABERTURA (ou descomeço): a apresentação de um caminho

(...) que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.

(Manoel de Barros)

Esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) vem realizar em palavras escritas a finalização de um ciclo: a conclusão de uma graduação em Psicologia na PUC/SP. Em primeiro momento foi árduo compreender a tarefa de fazer um TCC. Ao longo do processo, entretanto, pude tecer um sentido sobre a produção deste trabalho e busco, nessa primeira parte, compartilhá-lo com quem o lê.

Primeiramente, esmiúço essas palavras que a mim se apresentaram: *trabalho* de *conclusão* de *curso*. *Trabalho* se origina do latim *tripalium* – este era o nome de um instrumento de tortura comumente utilizado na região da Europa. Assim, originalmente, o termo "trabalho" se relacionava com sofrimento. Embora muitos são os sentidos para a palavra trabalho que caberiam aqui, apresento este por estar afinado com um afeto que por vezes se fez presente nessa produção; afeto este que certamente não foi o único, mas foi importante e, por esse motivo, não desejo o apagar. Povoaram este caminho momentos de sofrimento: de solidão e angústia. A palavra *conclusão* encaro aqui como um desfecho. Para isso, empresto o sentido que João Augusto Pompéia (2013) apresenta: de des-fecho – “É que desfecho, ao mesmo tempo que encerra, fecha, também é abertura” (p. 52). É abertura porque quando ocorre tudo começa de novo. De novo, e não outra vez. Começar outra vez seria repetir o mesmo caminho; ao começar de novo me deparo com o caráter da novidade, de algo novo que se coloca. Essa conclusão é uma passagem que se abre. Por fim, a palavra *curso*, do latim *cursus*, tem o significado de trajeto, percurso e, nesse caso, meu caminho rumo a um vir-a-ser Psicóloga. Nesse caminhar se fizeram vários encantamentos. A partir desses encantamentos se produziram os encontros tantos que me trazem onde estou. Direções foram traçadas pelas linhas de encanto e, a partir destas, bordei, e continuarei bordando, as cores da psicóloga que desejo ser. Esse trabalho é, portanto, fruto de um processo por vezes dolorido, mas de intensa beleza, é o marco do encerramento de um

caminho, de retomada de significados e é o convite a um horizonte que se abre a mim. Se abrindo a mim, se abre ao mundo. É um mundo que desejo desenhar.

Ao longo do curso de psicologia tive a oportunidade de entrar em contato com diversas áreas de atuação da profissão e conhecer diferentes referenciais de compreensão de homem e mundo. Foi entre tantas descobertas, logo nas primeiras semanas de aula, que me deparei com um dos grandes encantamentos desse caminho: as aulas de psicologia fenomenológica. Essas aulas apresentavam algo completamente novo que, ao mesmo tempo, parecia-me tão familiar: a “atitude fenomenológica”. Essa atitude seria apresentada a nós, alunos, como uma possibilidade, não somente de se pensar os fenômenos no campo da psicologia, mas também, de maneira mais ampla, de se pensar um modo de ser e estar no mundo (GOMES, 2006).

Ao primeiro contato com a fenomenologia vi ecoar em mim algo de inquietação. O horizonte do pensamento fenomenológico se abriu enquanto questionamento a um modo de pensar e, conseqüentemente, de habitar o mundo: a atitude *natural* – que aceita ingenuamente a noção de um mundo existente por si mesmo e independe da presença humana. Sobre esse pressuposto se fundamenta a ciência moderna ocidental e o próprio processo do conhecer e, daí, desdobra-se um modo de ser que marca a nossa época. A fenomenologia vem na contramão dessa atitude em relação aos fenômenos, propõe a suspensão dos *a priori*, possibilitando que se entre em contato com *as coisas mesmas*. A postura fenomenológica concebe o mundo enquanto fenômeno e o ser enquanto “lugar” de seu desvelar (DARTIGUES, 2008).

Na filosofia de Martin Heidegger, importante autor da fenomenologia e cujo pensamento é referência nesse trabalho, a linguagem ocupa um lugar central. “Sendo a linguagem considerada por esse filósofo como a morada do ser, é nela, na linguagem, que o ser se desvela” (DUTRA, 2002, p. 375). É através dela que podemos acolher o mundo que se revela a nós, é através dela que podemos testemunhar e expressar esse mundo.

“O homem pastoreia o *sentido de ser*, cuida do ser, isto é, cuida de ser através da linguagem. Por isso, Heidegger vê os poetas como os mais próprios guardiões do ser; a poesia, contraposta à linguagem científica que revela o aspecto objético e calculável das coisas pode tornar tangível o sentido do ser de todas as coisas, pode tornar tangível o sentido do ser de todas as coisas em nossa existência com elas” (CRITELLI, 2006, p. 81-82).

Diante dessa compreensão, nesse momento da re-aproximação e aprofundamento na fenomenologia, escolho a companhia de outro encantamento que se fez durante a formação em

psicologia: a poesia de Manoel de Barros. Sua obra, pela sensibilidade e simplicidade que inspira, muito se aproxima do olhar que a fenomenologia me despertou. Manoel de Barros, poeta brasileiro, apresenta ao mundo um novo mundo. *Poesia é voar fora da asa* (BARROS, 2010, p. 302), escreveu ele, convidando-nos a voar a um lugar novo, onde podemos nos despir dos conceitos pré-concebidos, das certezas e das categorizações que empobrecem a imaginação e o horizonte do ser.

Para alçar esse voo, talvez, seja preciso inventar uma nova linguagem. Heidegger, em seu livro *Ser e Tempo* (1927), ao buscar um modo que não o natural de pensar o ser, anuncia que a linguagem tradicional não lhe é suficiente. O filósofo, então, começa a pensar a respeito linguagem da arte e da poesia.

Um outro tipo de linguagem era preciso para pensar ser e é nesse contexto que a análise da arte e da poesia surge nos escritos heideggerianos. A linguagem poética, pelo seu caráter de instituição da verdade, trazia a possibilidade de pensar a verdade do ser. (JARDIM, 2007, p. 6)

A linguagem poética alarga horizontes. O olhar poético possibilita o encontro com as coisas em seu horizonte existencial e não apenas em sua perspectiva funcional, material. As palavras poéticas podem revelar ao leitor um mundo que sem elas estaria ocultado. A poesia é a palavra que revela algo, é o lugar da palavra “pela primeira vez”.

Manoel de Barros nos entrega à essa palavra. Através do idioleto Manoelês – como ele gostava de falar – Manoel reinventa a linguagem. Como aponta Azevedo (2007), Manoel brinca com as palavras, com o sentido das coisas. O poeta desabriga as palavras de seu sentido corriqueiro e, assim, as revela no seu sentido mais originário.

(...) ele está propondo uma poética que vai levar a linguagem às últimas conseqüências, pois vai desabrigar a palavra de seu sentido usual. Na verdade, o que o eu lírico faz é se remeter ao próprio sentido da poesia. É dizer que a poesia é linguagem que quer o avesso do avesso, ou seja, que quer deslocar ao máximo a representação da realidade, para que esta possa de fato se revelar no seu sentido mais originário. (AZEVEDO, 2007, p. 3)

Manoel de Barros anuncia: *Poeta: Sujeito com mania de comparecer / Aos próprios desencontros*. Desencontrar. Poeta, em suas próprias palavras, é quem transfigura as coisas. Manoel, entretanto, não transfigura só as coisas, mas também o sentido das coisas, o mundo. O

encontro com sua poesia anuncia uma postura. Mais do que um modo de escrever e arranjar as palavras, um olhar para o mundo, um modo de ser.

Transfigurar as coisas, o sentido das coisas: essa é a postura para a qual a filosofia fenomenológica nos convoca. Essa é a postura do fazer filosófico, entendendo a filosofia como um perguntar pelos sentidos das coisas.

Desconhecer para conhecer, poderia se dizer, é o tema (...) da poética de Manoel de Barros. Uma poética que, por isso, se aproxima de uma visão filosófica, se pensarmos que a filosofia precisa partir sempre de um não lugar, de uma realidade que ignora qualquer tipo de “pré-conceito”, a fim de se chegar a um conhecimento (AZEVEDO, 2007, p. 3)

Há muitas aproximações possíveis entre a poética de Manoel de Barros e a postura fenomenológica diante do mundo. Nesse trabalho busco debruçar-me sobre sua poesia – e o mundo que esta revela – em busca desses encontros. A partir disso é possível apresentar um modo de se pôr no mundo que me refiro nesse trabalho como um modo poético de ser. Não pretendo, entretanto, me assenhorar da poesia barreana e tecer verdade absoluta alguma a respeito desta. *Poesia não é para compreender / mas para incorporar / Entender é parede: procure ser árvore*, provocou-me Manoel (2010, p. 178). Pretendo, pois, é ser árvore. Incorporar. Mergulhar em seus rios, brejos e meninices. Para passear por essas águas, trago comigo um barco construído de fenomenologia, para onde volto de quando em vez, respirando, e posso, então, mergulhar novamente. O método fenomenológico vem a ser a embarcação dessa viagem – longe de ser uma teoria que enquadra e encerra o movimento de desvelar de sentidos ao qual me proponho, se constitui como um olhar, um modo de se fazer presente (e também ausente). É de onde pulo e para onde volto depois do mergulho, é o lugar do respiro.

MÉTODO: o modo do caminhar

Sempre compreendo o que faço depois que já fiz. O que sempre faço nem seja uma aplicação de estudos. É sempre uma descoberta. Não é nada procurado. É achado mesmo. Como se andasse num brejo e desse no sapo. Acho que é defeito de nascença isso.

(Manoel de Barros)

Buscar compreender algo é, antes de tudo, aproximar-se de um fenômeno. Para descobrir algo, não se procura esse algo. É preciso botar-se a andar pelos brejos. Assim, e somente assim, talvez os sapos possam aparecer.

Nesse trabalho, busco aproximar-me da poética de Manoel de Barros, mergulhar em suas águas, e desvelar possíveis aproximações entre esta e o que chamo aqui, a partir do olhar da fenomenologia, de modo poético de habitar o mundo. Para tanto, foi preciso escolher uma maneira de aproximação daquilo que pretendo compreender, escolher um modo de caminhar. Pergunto-me, por vezes, se sou eu quem escolho este modo ou se, de alguma maneira, vou sendo escolhida por ele – se *é defeito de nascença isso*. De qualquer forma, há aqui uma maneira de proceder: o método fenomenológico.

É importante explicitar que neste estudo a fenomenologia é tanto método quanto “objeto” de “análise” e, por esse motivo, seu surgimento, os principais aspectos e autores serão apresentados pormenorizadamente no próximo capítulo. No presente capítulo trago apenas algumas considerações iniciais a respeito do método fenomenológico.

Primeiramente, é importante esclarecer que por método, aqui, não se compreende algo como um manual de procedimentos que direcionaria meu estudo. A palavra método, que nasce do grego *methodos*, é composta por: meta (através de, por meio); e hodos (via, caminho). Escolher um método, portanto, é optar por um *como* caminhar, um *como* navegar. Escolher um método é escolher o material do qual construímos o barco em que navegamos. Essa escolha define o barco, mas não o caminho; o barco nos possibilita navegar, mas não pretende cavar um curso outro para o rio. É evidente, entretanto, que este barco e este navegar nos possibilitam

chegar a lugares que outros barcos não permitiram. Assim, é preciso escolher um método que permita vir à luz o fenômeno do qual pretendemos nos aproximar.

Nesse trabalho, busco me aproximar do pensamento fenomenológico e da poesia de Manoel de Barros. Heidegger (2004), em seu livro *Hinos de Hölderlin*, a partir da obra do poeta Friedrich Hölderlin, se põe a pensar sobre filosofia e poesia. Nesse texto, quando apresenta a metodologia por meio da qual se debruça sobre os hinos do poeta, faz uma elucidação importante a respeito do *falar sobre poesia*:

[...] Simplesmente, “falarmos sobre” poesia só pode ser nefasto, visto que, em caso de necessidade, um poema já diz por si só o que tem a dizer. Dissecá-lo, afinal, só perturba o “prazer estético”. Assim se diz, querendo-se dizer com isso que a relação básica com a obra de arte é o “prazer”, o sorver de “comoções da alma” e o chapinhar em sentimentos simpáticos. Mas, no caso do “prazer estético” ser uma má compreensão da arte e de não podermos procurar o prazer na poesia, afinal, também não há nada que possa ser seriamente dissecado e posto em perigo pelo acto de falar. Isto sem considerar que, afinal, pode existir um falar de poesia que, não só lhe esteja adequado, mas que ela até exija. Talvez se possa falar da poesia *poeticamente*, o que, todavia, não quer dizer em versos e rimas. Por conseguinte, falar de poesia não tem de ser forçosamente um ocioso falar “em torno de” e “sobre” poemas. (p.12 -13)

A poesia, talvez, exija que se fale dela *poeticamente*. Diante disso, percebe-se que não seria suficiente, nesse trabalho, um método que disseca seu objeto de estudo. Quando se faz conhecimento a partir do modo tradicional do Ocidente esse movimento de dissecar acontece. Este modo, o método das ciências naturais, vai de encontro com seu objeto de estudo buscando, medi-lo, mensurá-lo, calculá-lo para que se chegue, assim, a conceitos *universais e verdadeiros* a seu respeito. Ou seja, buscando encontrar leis e relações de causa-e-efeito, acaba-se por dissecar o fenômeno do qual se aproxima. E mais: considera-se passível de investigação somente o fenômeno que pode ser dissecado, calculado. Giacóia (2013), alerta: “As ciências ocupam-se dos entes que correspondem a seus conceitos – e mais nada” (p. 55). O que fazer, então, com o que não corresponde a esses conceitos? Como me aproximar daquilo que não é mensurável e não pode ser expresso em leis absoluto e imutáveis? Como me debruçar, no caso deste trabalho, sobre a poesia?

Para tanto, valho-me do método fenomenológico. Este método, partindo de uma concepção epistemológica diferente da epistemologia do método das ciências naturais, apresenta uma compreensão outra sobre o conhecer. São válidos, por isso, esclarecimentos a respeito de alguns pontos: da compreensão de fenômeno, do que se busca enquanto conhecer, da perspectiva

no conhecimento, do “conceito” de verdade e da presença do interrogador naquilo que busca compreender.

O método fenomenológico nasceu justamente enquanto crítica ao discurso tradicional, da metafísica, sobre o qual se funda o modelo das ciências naturais. A fenomenologia rompe com o paradigma dicotômico sujeito-objeto: objeto (mundo) não é mais entendido como algo que existe por si só, mas que se mostra a alguém, mundo é concebido enquanto *fenômeno*. Fenômeno é aquilo que se revela. Gomes (2006) esclarece isso ao trazer a origem da palavra *fenômeno*: “Fenômeno origina-se da palavra grega *phainomènon*, derivada do verbo *phaíno*, que significa aquilo que aparece, que vem à luz, que se mostra”. (p.54). Uma árvore, portanto, não existe em-si, mas se mostra desde ela mesma a alguém, a uma consciência.

Diante disso, é possível fazer uma colocação importante a respeito de uma compreensão fenomenológica: aquele que compreende está, necessariamente, presente. Se me interrogo a respeito de algo e busco compreendê-lo, já me faço presente. “O interrogador faz parte do que ele *quer saber e do que ele pode ver*. Ele é elemento constituinte desse *olhar* em que tudo o que é tem sua chance de aparecer, mesmo que como mera testemunha” (CRITELLI, 2006, p. 149).

E essa presença do “investigador” tem desdobramentos sobre o que se entende por conhecer. Critelli em seu livro *Analítica do Sentido* (2006), propõe-se a pensar a fenomenologia enquanto metodologia para o conhecer e levanta pontos importantes a respeito do *como fazer* uma investigação orientada pelo olhar fenomenológico. Como aponta a autora, a fenomenologia, ao questionar o modo tradicional de se fazer conhecimento, não busca negá-lo, substituindo uma verdade absoluta por outra, mas, sim, procura apresentar uma outra forma de entrar em contato com o real, uma outra postura em relação ao mundo. Ao fazê-lo, a fenomenologia, coloca em cena um ponto de tensão para o discurso tradicional: o “problema” da perspectiva. Se o conhecer é um desvelar de sentidos de um *determinado fenômeno que se mostra a um determinado alguém*, o conhecer não é uma busca por leis ou conceitos universais, mas sim, é algo que se dá a partir de determinada perspectiva. A “[...] questão da perspectiva no conhecimento invoca, necessariamente, o caráter de **provisoriedade, mutabilidade e relatividade da verdade**, e o eixo do pensamento metafísico pressupõe que a verdade seja uma, estável e absoluta, bem como a via de acesso a ela”. (CRITELLI, 2006, p. 12, grifo meu).

A perspectiva do conhecimento, entretanto, não é vista como um problema a ser superado, mas sim como a maneira como estes podem se dar. O conhecimento só pode se dar dessa maneira: sendo provisório, mutável e relativo.

[...] a relatividade não é vista pela fenomenologia como um problema a ser superado, mas como uma condição que os entes têm de se manifestarem: no horizonte do tempo e não do intelecto, e em seu incessante movimento de mostrar-se e ocultar-se. A relatividade diz respeito à provisoriedade das condições em que tudo o que é vem a ser e permanece sendo (CRITELLI, 2006, p. 16).

A fenomenologia pretende, portanto, um conhecimento que se faz sobre uma verdade outra, que não a “verdade científica”. Marilena Chauí (2000), fala que nossa ideia de verdade foi construída, ao longo dos séculos, a partir de diferentes concepções, originadas de diferentes línguas, entre elas, o grego e o latim. O conhecer fundado no método das ciências naturais busca a verdade segundo o conceito de *véritas*, do latim: “se refere à precisão, ao rigor e à exatidão de um relato, no qual se diz com detalhes, pormenores e fidelidade o que aconteceu” (CHAUÍ, 2000, p. 123). Já para a fenomenologia, quando se faz conhecimento a verdade que se busca é a *aletheia*, do grego, “significando: não-oculto, não-escondido, não dissimulado” (idem, p. 123). O método fenomenológico, assim, radica-se numa discussão a partir das *coisas elas mesmas*:

A expressão “fenomenologia” tem a significação primária de um *conceito-de-método*. Não caracteriza o quê de conteúdo-de-coisa dos objetos da pesquisa filosófica, mas o seu *como*. Quanto mais autenticamente é sua determinação dos princípios condutores de uma ciência, tanto mais originariamente ele se enraíza na confrontação com as coisas elas mesmas e tanto mais ele se afasta do que denominamos um manejo técnico, algo que ocorre, e muito, nas disciplinas teóricas também. (HEIDEGGER, 2012b, p. 101)

Nesse trabalho, buscando confrontar-me com a poesia *ela mesma* procuro, também em Heidegger referências metodológicas que apontem para um *como* caminhar. O autor coloca que no projeto de aproximação da poesia é conveniente saber: “[...] não ajuda, nem uma astúcia apressada, nem uma erudição cegamente acumulada, nem o fervor artificial de sentimentos primordiais imaginários, nem sentenças pretenciosas, mas sim, apenas aquela *seriedade lúcida* que enfrenta por muito tempo a grandeza da tarefa” (HEIDEGGER, 2004, p. 15). Escreve, ainda: “Para ouvir com inteireza as palavras [de determinado verso] é preciso devolvê-las cuidadosamente para o poema” (HEIDEGGER, 2012a, 165).

Valho-me, ainda, de um “método” para “entender” poesia apresentado por Manoel no livro *Arranjos para Assobio*:

[...]

– *Para entender nós temos dois caminhos: o da sensibilidade que é o entendimento do corpo; e o da inteligência que é o entendimento do espírito.*

Eu escrevo com o corpo

Poesia não é para compreender mas para incorporar

Entender é parede: procure ser uma árvore.

(BARROS, 2010, p. 178)

Busco, pois, quando me aproximo da poesia, *suspender* quaisquer sentenças, erudições ou fervores apressados para que, assim, seja possível ouvir *com inteireza* as palavras e escrever com a sensibilidade do corpo. Assim, tentei trazer uma compreensão ao máximo incorporada, presente.

Diante dessas colocações a respeito do método escolhido nesse trabalho, conclui-se, então, que a compreensão apresentada aqui diz de *uma possibilidade* de compreender, que se tece à luz de *um olhar* talhado pela fenomenologia. Assim, não é definitiva, mas, nem por isso deixa de ser verdadeira ou perde a possibilidade de abrir horizontes a outras compreensões. Os sentidos que se desvelam a partir da aproximação da poética de Manoel de Barros dizem desta investigadora, neste momento histórico, nesta rede de significância do mundo.

Procedimentos metodológicos

Tendo apresentado a concepção que guia meu caminhar nesse trabalho, faz-se válido compartilhar com o leitor ou a leitora alguns “momentos” ou procederes desse caminho.

Após estabelecer alguns contornos ao meu “problema de pesquisa”, aproximei-me da fenomenologia-existencial em busca de uma “fundação” de onde fosse possível surgir um desvelar de sentidos no encontro com a poética de Manoel de Barros. Nesse momento, apoiei-me principalmente em textos de Martin Heidegger, em especial *Ser e Tempo*, *Hinos de Hölderlin*, *A questão da técnica* e “...Poeticamente o homem habita...”. A partir disso, foi possível tecer as considerações sobre o sentido do ser, sobre o modo de ser da modernidade, sobre linguagem e sobre poesia e um modo poético de ser que são apresentadas no próximo capítulo.

Em seguida, debruçei-me sobre a poesia de Manoel de Barros. Para isso, foram selecionados poemas extraídos de suas *Obras Completas* (2010), livro que compila as

publicações do autor. Esses poemas foram escolhidos por se afinarem com os sentidos desvelados ao longo da gestação desse trabalho. Assim, pude olhar para a poesia à luz da fenomenologia e desvelar uma compreensão que é apresentada no capítulo *MANOEL E FENOMENOLOGIA: um encontro esticador de horizonte*.

É importante ressaltar que, em primeiro momento, pretendia “apenas” uma aproximação da fenomenologia e da poética de Manoel de Barros, sem saber ao certo onde chegaria. Foi somente a partir do encontro com textos de Heidegger e com a poesia *ela mesma* que os sentidos e compreensões apresentados nesse trabalho emergiram.

FENOMENOLOGIA: um novo conhecer e a possibilidade de um modo de habitar o mundo

É preciso desformar o mundo:

Tirar da natureza as naturalidades.

Fazer cavalo verde, por exemplo.

Fazer noiva camponesa voar – como em Chagall.

Agora é só puxar o alarme do silêncio que saio por aí a desformar.

(Manoel de Barros)

Mais do que somente um método ou uma corrente filosófica, compreendo, neste trabalho, a fenomenologia (e a postura à qual ela convoca) como a possibilidade de um modo de ser, a possibilidade de um modo de habitar a terra.

“... poéticamente o homem habita a terra...”, o filósofo Heidegger apresenta, emprestando as palavras do poeta alemão Holderlin¹ para pensar sobre esse modo de habitar do homem. Para que se possa compreender o que chamo neste trabalho de *modo poético de habitar a terra*, no presente capítulo apresento brevemente o surgimento do pensamento fenomenológico, trago algumas noções centrais da fenomenologia-existencial de Martin Heidegger e, por fim, seguem considerações deste autor a respeito da poesia, do poetizar e do modo poético de habitar.

Do surgimento da fenomenologia

A fenomenologia tem seu surgimento, enquanto corrente filosófica, com o pensamento de Edmund Husserl² (1859-1938). Husserl, que inicialmente estudava matemática, se questionou sobre o processo do conhecer, o *como* conhece e *como* se produz conhecimento. Ao perguntar-se sobre isso, percebe que o método das ciências naturais, então modo tradicional de

¹ Friedrich Hölderlin (1770-1843) poeta lírico alemão. Sintetizou em sua obra elementos da Grécia antiga, da natureza e de uma forma não-ortodoxa de cristianismo, sendo considerado um dos maiores poetas germânicos.

² Edmund Husserl (1859-1938) nasceu em Prossnitz, onde é atualmente a República Tcheca. Foi aluno de Brantano e lecionou em diferentes universidades.

se produzir conhecimento, funda-se sobre pressupostos questionáveis. Husserl se vê diante de um contexto de crise, não só filosófica, mas das ciências como um todo. Esse momento de “inquietação intelectual” não partia apenas do autor, mas, como aponta Gomes (2006), trata-se da continuidade de uma discussão própria da Idade Moderna.

Foi nesse cenário que Husserl encontrou-se com Franz Brentano³, com quem teve importante interlocução. Alterou, assim, o curso de seus questionamentos e sua produção intelectual, passando a caminhar em busca de uma filosofia como ciência do rigor e a pensar a fundamentação do conhecimento.

Como aponta Dartigues (2008), o que Husserl pensa ser a causa da crise do conhecimento, poderia ser resumido na seguinte frase: “a objetividade das ciências se perverteu em objetivismo” (p. 68). O objetivismo seria a ilusão ou a “superstição” de que a ciência poderia desvelar por completo os “mistérios da realidade”. Sendo objetivo, “vindo de ninguém”, o discurso científico poderia explicar a realidade de forma absoluta, encontrar suas verdades unas. Essa concepção parte da crença de que as coisas existem *a priori*, ou seja, existem no mundo por *si mesmas*, independentemente de uma consciência que as perceba. E, assim sendo, medindo-as, sistematizando-as e categorizando-as seria possível chegar às verdades absolutas a respeito do real. “Tudo se passa como se a racionalização científica só pudesse tematizar o objeto negligenciando os sujeitos existentes” (DARTIGUES, 2008, p. 67).

Husserl, entretanto, fala dos limites da racionalidade objetiva. Esse modo de se colocar em relação as coisas, acaba por perder de vista *as coisas mesmas*. “A crise se manifesta de fato com a ruptura de um mundo: um mundo da ciência, tal como a ciência o constitui e o vê, se destacou do *mundo da vida*” (DARTIGUES, 2008, p. 67).

Husserl propõe, então, que se faça conhecimento a partir do método fenomenológico. A palavra “fenomenologia” guarda em si a palavra *phainestai*, que em grego quer dizer “mostrar-se”. A fenomenologia é para ele, portanto, o estudo daquilo que se revela, que surge à consciência.

Para que isso seja possível, faz-se a redução fenomenológica, ou seja, “suspende-se” os *a priori* para poder acolher aquilo que é dado, aquilo que é vivido. Husserl propõe a *volta às coisas mesmas*. “Essa “às coisas mesmas” nada tem a ver com a coisa “em-si” da tradição, refere-se a um retorno às “coisas mesmas” tais quais elas aparecem se dão, para a consciência” (SÁ,

³ Franz Brentano (1838-1917) filósofo austríaco, traz à tona a discussão sobre a realidade do “ato psíquico” e da *intencionalidade*, fazendo uma crítica a psicologia experimental de Wundt. Imprimiu outro olhar para o método de investigação da consciência, influenciando o pensamento de diversos autores, entre eles Scheler, Heidegger e Freud.

2005, p. 325). Ou seja, entende que as coisas não existem em si mesmas, mas sempre a uma consciência. E também a consciência não é em si mesmo, mas é sempre consciência de algo. A consciência já marca uma relação entre “eu” e o “real”, é sempre *consciência intencional*. Mais tarde, partindo dessa suspensão fenomenológica, Husserl busca chegar à *essência* das coisas, ou seja, aquilo que não muda.

A partir dessa compreensão, o modo de se relacionar e investigar os fenômenos, portanto, se transforma radicalmente. Husserl sistematizou a fenomenologia como concepção e pode estabelecer novos fundamentos tanto para a filosofia quanto para as ciências de seu tempo (GIACOIA, 2013). Seu pensamento influenciou diversos campos da filosofia e ciências. A partir da fenomenologia de Husserl muitos autores desenvolveram seus pensamentos e disseminaram a fenomenologia por diferentes campos de conhecimento. Dentre alguns dos expoentes mais significativos do pensamento fenomenológico podemos citar Gaston Bachelard (1884-196), Martin Heidegger⁴ (1889-1976), Jean-Paul Sartre⁵ (1905-1980), Maurice Merleau-Ponty⁶ (1908-1961) e Paul Ricoeur⁷ (1913-2005).

Quando se fala em fenomenologia, portanto, fala-se sobre uma corrente de pensamento vasta. Os diferentes autores que contribuíram para a construção das fenomenologias partem da semente plantada por Husserl, mas pulverizam-se por raízes, galhos, folhas e frutos, por vezes distantes e diferentes entre si. Nesse trabalho, oriento-me principalmente pela fenomenologia-existencial de Martin Heidegger e, por isso, apresento sua contribuição para pensar a poesia enquanto modo de ser.

Da fenomenologia existencial de Martin Heidegger

Heidegger é tido como um dos filósofos fundamentais do século XX, sua obra marca profundamente a produção intelectual dos que o seguem. Seu pensamento é extenso e, pelo que é possível realizar em um TCC, não busco aqui apresentar toda sua produção, mas, a fim de que seja possível a discussão proposta nesse trabalho, elucido apenas algumas dos pontos importantes: sobre suas compreensões acerca de ser, da linguagem, da era da técnica e da poética.

⁴ Martin Heidegger (1889-1976) nasceu na Alemanha, foi aluno de Husserl.

⁵ Jean-Paul Sartre (1905-1980) nasceu na França, onde estudou filosofia. Na Alemanha estudou as obras de Husserl e Heidegger.

⁶ Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) nasceu e estudou na França, lecionou psicologia na Sorbonne.

⁷ Paul Ricoeur (1913-2005) filósofo francês, lecionou em diferentes universidades.

Martin Heidegger nasceu em uma pequena cidade do interior da Alemanha, teve sua formação inicial em teologia. Foi aluno de Husserl, tendo este influenciado de maneira importante seu pensamento e trajeto enquanto filósofo. Lecionou nas universidades de Marburgo e Friburgo, chegando inclusive a ser reitor nesta última.

Fala-se em dois momentos da filosofia heideggeriana, a primeira de 1927 a 1936 e a segunda de 1936 a 1976, ano em que veio a falecer. Na primeira fase, Heidegger buscou elaborar uma ontologia fundamental, tendo como obra de grande importância o livro *Ser e Tempo* (1927). No segundo momento, após a chamada reviravolta (*Kehre*), debruçou-se sobre reflexões a respeito da verdade de ser, tendo como dois dos temas fundamentais a linguagem poética e a questão da técnica moderna. Essa virada em seu pensamento, entretanto, não deve ser entendida como um abandono pelo autor de seu pensamento anterior, mas como um movimento, depois da desconstrução da metafísica, da construção de uma compreensão não metafísica do ser (ZANELLO, 2004).

a. Sobre a ontologia fundamental

Na obra *Ser e Tempo*, Heidegger aborda “a questão do ser” de maneira completamente diferente de como o faz a tradição - não se pergunta *o que é o ser*, mas sim *qual o seu sentido*. O objetivo da ontologia⁸ é, então, investigar o sentido do ser. E o método que o filósofo emprega nesse questionar ontológico é por ele denominado como “fenomenologia hermenêutica⁹”.

[...] Da investigação ela mesma resultará que o sentido metódico da descrição fenomenológica é *interpretação*. [...] A fenomenologia do *Dasein* é uma *hermenêutica* na significação originária da palavra, que designa a tarefa da interpretação (HEIDEGGER, 2012b, p. 127).

Para que seja possível investigar a questão do sentido do ser, coloca Heidegger, é preciso primeiro olhar para *quem* faz essa pergunta, é preciso olhar para o ente que lança essa

⁸ O termo *ontologia* é o estudo do ser, consiste àquilo que diz respeito ao ser em geral ou ao modo de ser dos entes. Já o termo *ôntico*, que muitas vezes aparece “em contraposição” ao que é ontológico, se refere aos entes, ou seja, às coisas que são, em determinado modo de ser já estruturado. A dimensão ôntica da realidade, portanto, funda-se na dimensão ontológica.

⁹ A *hermenêutica* é arte ou ciência da interpretação.

interrogação, é preciso olhar para o homem. Aquele que se interroga sobre o ser faz parte da interrogação.

Este ente que somos, que Heidegger designa como *Dasein* (ser-aí), não é como os demais entes. E esse ente não tem uma essência pronta, anterior à sua existência, mas tem seu existir sempre em jogo:

O ente que temos a tarefa de examinar, nós o somos cada vez nós mesmos. O ser desse ente é cada vez *meu*. No ser desse ente, ele tem de se haver ele mesmo com seu ser. Como ente desse ser, cabe-lhe responder pelo seu próprio ser. O *ser* ele mesmo é o que cada vez está em jogo para esse ente (HEIDEGGER, 2012b, p. 139).

O *Dasein* tem de existir. Segundo Heidegger (2012b) “A “essência” do *Dasein* reside em sua existência” (p. 139). Tendo em jogo seu existir, o *dasein* tem sempre que dar conta de ser. Esse caráter de sua existência convoca o *dasein* à *angústia existencial*.

Outra condição do *dasein*, enquanto ser-aí, enquanto ser-no-mundo, é que é *mundano*. *Dasein* tem mundo, diferentemente dos demais entes, que simplesmente estão no mundo, que são simplesmente dados. As árvores e as pedras, por exemplo, simplesmente são. Mas *são* apenas, não se pode dizer que *existem*, não se pode dizer que têm mundo. O *Dasein*, entretanto, existe. E existe sempre no mundo, *Dasein* e mundo são coexistentes, um jamais antecede o outro. Sendo o mundo estrutura de sentido e contexto de significação (SÁ, 2005) “O *Dasein* é abertura de sentido” (SÁ, 2005, p. 328).

Essa abertura que é o *dasein* tem dimensões essenciais que são denominadas por Heidegger como *disposição* ou *tonalidade afetiva e compreensão*. A disposição afetiva é o modo como o *Dasein* se sente no mundo. “Os sentimentos ou a tonalidade afetiva é a ressonância do mundo no *Dasein*. A partir do sentir o *Dasein* se abre para acolher a realidade, pois é a partir da tonalidade afetiva que se pode apontar para algo no mundo” (SILVA, 2015, p. 196-197). É a partir da disposição em que se encontra que é possível acolher o mundo e aquilo que se abre no existir. Assim, o compreender é sempre colorido por uma tonalidade, a compreensão se dá sempre a partir de uma disposição afetiva. “Tal abertura compreensiva não é algo afetivamente neutro, que se restringe ao âmbito intelectual. Toda compreensão já é sempre dotada de uma “coloração” afetiva, de um “humor” ou “disposição”. Disposição e compreensão constituem o modo de ser da abertura” (SÁ, 2005, p. 328).

O modo de ser mais comum do *Dasein*, em seu cotidiano, onde acontece de início, e na maior parte das vezes o existir é na “indiferença mediana”, no que Heidegger denomina de

impessoal. Esse é o modo da compreensão mediana é um modo despersonalizado, imerso na rede de significados de “todo mundo”. Sendo “todo mundo”, o *dasein* parece se distanciar da sua condição ontológica de ter de ser. “Assim o impessoal retira do Dasein o encargo de sua própria existência e de seu próprio projeto. No domínio do impessoal o Dasein é ninguém, mas é todo mundo”. (SILVA, 2015, p. 198). O *Dasein*, imerso no impessoal, distancia-se da *angústia* e pode aconchegar-se num modo de ser *impróprio*. Esse modo, entretanto, não deve ser reconhecido como uma negatividade. O impessoal, aponta Heidegger, enquanto fenômeno originário, pertence à constituição positiva do homem. O *dasein*, mesmo imerso no impessoal, nunca deixa de ser possibilidade.

Tendo falado desse modo cotidiano de ser, o modo da *impropriedade*, podemos nos pôr a pensar a respeito do *dasein*, do ser-no-mundo, em seu sentido mais *próprio*. Por sua característica fundamental, o *dasein* jamais alcança uma totalidade, jamais encontra-se acabado, mas está sempre em movimento de fazer-se ser. O *dasein*, assim, só se encerra quando morre. “Ao morrer, o *Dasein* não é mais no mundo, findam-se as suas possibilidades” (SÁ, 2005, p. 329). Vê-se, portanto, que o fenômeno da morte tem grande importância na tarefa de uma análise existencial do *dasein*, sendo preciso interrogar-se sobre o mesmo.

O *Dasein*, enquanto existe, é ser-para-a-morte. E esse pode ser entendido como seu poder-ser mais próprio. Cotidianamente, a tendência é de um afastamento do fim último que é a morte. Nos acolhoamos na trama de sentidos do impessoal e em um modo de ser da impropriedade. A angústia, entretanto, rompe com a familiaridade do cotidiano. “A angústia é a “disposição compreensiva” na qual o *Dasein* está aberto para si mesmo, para seu ser-no-mundo. A angústia revela, portanto, o poder-ser mais próprio, a pura abertura de significações, retirando o *Dasein* de sua decadência [...]” (SÁ, 2005, p. 328). Quando se angustia, o *Dasein* é chamado à sua condição fundamental de ter de ser, chamado à condição de finitude, é chamado ao modo próprio de ser-no-mundo, ao ser-para-a-morte.

b. Sobre a linguagem

Em *Ser e Tempo* Heidegger faz, ainda, considerações sobre a linguagem, importante tema neste trabalho. O autor levanta dois aspectos essenciais sobre o tema: além de colocar a linguagem enquanto originalidade constitutiva do *dasein*, fala, também da dificuldade que tem, ao construir seu pensamento, por ter de fazê-lo usando de uma linguagem fundada na tradição. Como tratar da questão do ser de um modo tal que superasse a concepção da metafísica, se o que se tem à disposição para tal tarefa é uma linguagem fundada justamente sobre as categorias da própria metafísica? Diante de tal desafio, Heidegger se dedica a pensar sobre a linguagem.

Heidegger, na construção da ontologia fundamental (e também no pensamento que a segue), ao romper com o pensamento da tradição, estabelece um uso outro da linguagem: por vezes volta à originalidade das palavras, buscando sua etimologia e dispondo-se a fazer um trabalho hermenêutico e, por vezes, até poético.

Ele diferencia linguagem do conjunto de palavras que está simplesmente à mão, relacionando-a diretamente com a fala, compreensão e disposição. Heidegger radicaliza a compreensão de linguagem, “retirando-a apenas do âmbito comercial, instrumental das trocas e do uso, para instituí-la originalmente na abertura mesma do Dasein, enquanto ser-com” (ZANELLO, 2004, p. 286).

Existencialmente, a fala é tão originária quanto a compreensão, todo o compreender está sempre articulado pela fala. E a linguagem é a “expressão” da fala. Assim, a fala é constitutiva do *dasein* e se relaciona com sua condição de ente mundano. Pertencem à linguagem falada tanto o *silêncio* (ou o calar) quanto a *escuta* (ou o ouvir) e somente considerando esses fenômenos é que fica nítida a função constitutiva da fala para a existencialidade da existência. O silenciar e o escutar apontam para a característica do *dasein* de ser-com-os-outros, ser-no-mundo.

Em estudos posteriores Heidegger se aprofundou na temática da linguagem, pensando também sobre a linguagem da arte e a linguagem poética. Algumas dessas considerações são apresentadas no presente capítulo.

c. Sobre a era da técnica: um modo coisificado de ser

Tendo já pensado sobre a ontologia do ser, na segunda metade de sua produção intelectual, Heidegger se volta mais incisivamente à questão do sentido do ser. Em muitos dos textos que escreve a partir desse momento passa a pensar sobre a questão da técnica e, principalmente sobre a técnica moderna. A técnica moderna marca profundamente o mundo contemporâneo e, assim, imprime nos homens um modo de ser típico desse tempo. Por isso, faz-se relevante neste trabalho uma breve discussão a respeito da compreensão de Heidegger sobre a técnica.

Um importante texto sobre sua investigação é *A Questão da Técnica*, no qual Heidegger discute a essência da técnica ou *aquilo que é a técnica*. Conforme aponta, há duas concepções correntes a respeito do que é a técnica: segundo uma delas a técnica é um calcular, um meio para um fim; para a outra concepção a técnica é entendida como uma atividade própria do homem.

Heidegger fala que ambas as concepções se complementam, dizem de uma determinação instrumental e antropológica da técnica, e esse entendimento não está errado, mas diz da

concepção da técnica moderna: em que se faz um uso instrumental da técnica, manipulando-a, buscando dominá-la.

Permanece, portanto, correto: também a técnica moderna é meio para um fim. É por isso que a concepção instrumental da técnica guia todo esforço para colocar o homem num relacionamento direito com a técnica. Tudo depende de se manipular a técnica, enquanto meio e instrumento, da maneira devida. Pretende-se, como se costuma dizer, "manusear com espírito a técnica". Pretende-se dominar a técnica. Este querer dominar torna-se tanto mais urgente quanto mais a técnica ameaça escapar ao controle do homem. (HEIDEGGER, 2012a, p. 12)

Apesar de correta, essa determinação não nos mostra a essência da técnica, nos apresenta aquilo que é a técnica. Heidegger, em seu texto, nos apresenta a essência da técnica, escreve que técnica é descobrimento.

O que a essência da técnica tem a ver com descobrimento? Resposta: tudo. Pois é no descobrimento que se funda toda a produção. [...] Se questionarmos, pois, passo a passo, o que é propriamente a técnica conceituada, como meio, chegaremos ao descobrimento. Nele repousa a possibilidade de toda elaboração produtiva. A técnica não é, portanto, um simples meio. A técnica é uma forma de descobrimento. Levando isso em conta, abre-se diante de nós todo um outro âmbito para a essência da técnica. Trata-se do âmbito do descobrimento, isto é, da verdade. (HEIDEGGER, 2012a, p. 17)

A técnica, então, em sua essência, é descobrimento no sentido do acontecer da verdade do ser. E, nesse sentido, técnica é *poiesis*.

A técnica moderna, entretanto, não se dá no lugar dessa compreensão de técnica, do descobrimento enquanto desvelar do ser – como se deu desde a Grécia Antiga até pouco tempo atrás. Sobre a técnica moderna Heidegger coloca:

O que é a técnica moderna? Também ela é um descobrimento. Somente quando se perceber este traço fundamental é que se mostra a novidade e o novo da técnica moderna.

O descobrimento dominante na técnica moderna não se desenvolve, porém, numa produção no sentido de [...] [poiesis]. O descobrimento, que rege a técnica moderna, é uma exploração que impõe à natureza a pretensão de fornecer energia, capaz de, como tal, ser beneficiada e armazenada. (HEIDEGGER, 2012a, p. 18-19)

Assim, a técnica moderna leva o homem a se relacionar com os recursos naturais como *disposição*. A relação com a natureza se dá no lugar da utilização deste como recurso natural, como matéria prima para produzir algo. O rio, por exemplo, se encerra em sua possibilidade enquanto recurso natural para mover moinhos, não sendo rio para banhar-se, rio para refrescar-se, rio para a criança nadar. E, nesse modo de colocar-se no mundo, o ser humano é também ele colocado enquanto *disposição*, enquanto recurso para a produção. Dessa maneira, a técnica moderna imprime no homem um modo particular de se relacionar, não só com o mundo, mas seu próprio ser.

(...) o homem da era da técnica se vê impelido a calcular, apreender, conceituar, dominar o que a ele se coloca como disponibilidade. Neste descobrir há o encobrir da essência da técnica e a pergunta sobre o sentido deste descobrir não é colocada. O esquecimento da essência da técnica põe o homem a não pensar, mas sim a produzir” (SILVA, 2015, p. 204).

A técnica moderna, então, ao encobrir a essência da técnica, ao afastar-se do descobrimento enquanto desvelar da verdade do ser, rouba do próprio homem a possibilidade de experiência com sua verdade. Heidegger (2012a) discorre sobre essa “ameaça” da técnica moderna:

A ameaça, que pesa sobre o homem não vem, em primeiro lugar, das máquinas e equipamentos técnicos, cuja ação pode ser eventualmente mortífera. A ameaça, propriamente dita, já atingiu a essência do homem. O predomínio da com-posição arrasta consigo a possibilidade ameaçadora de se poder vetar ao homem volta-se para um descobrimento mais originário e fazer assim a experiência de uma verdade mais inaugural (p. 30-31).

Nessa época contemporânea, em que o homem é convocado para um modo de ser tecnicista, da complexidade, em que tudo pode ser medido e calculado, pouco há espaço para qualquer coisa que não seja da razão.

Esta é a época em que tudo pode ser produzido, em que tudo é factível, de maneira cada vez melhor e mais rápida e, por isso, tudo pode ser substituído por um modelo mais novo, não só no que diz respeito aos artefatos, mas em todas as áreas. As novidades produzidas surgem a toda hora e se impõem rapidamente. Nossa época tornou-se a época na qual não há mais lugar para mistérios, para nenhuma dimensão

encoberta, para nada que recue diante do poder da razão e da vontade (POMPEIA, 2011, p. 124).

O homem que vive sob o domínio da técnica moderna perde a possibilidade de compreensão originária de seu próprio projeto, está sob a ameaça de esquecer-se de si mesmo, de suas possibilidades mais próprias e de sua existência. Poder-se-ia dizer que o homem se afasta de sua condição mais própria enquanto *dasein*. O *dasein* coloca-se como “homem-coisa”, deixando de colorir a terra com seu existir.

d. Do modo poético de habitar a terra

Heidegger, tendo apresentado sua compreensão sobre o modo coisificado que o homem da era moderna se coloca no mundo, põe-se a pensar também sobre esse homem, sobre o mundo e o modo como o homem habita a terra¹⁰. Esse seu questionar, particularmente, nos interessa neste trabalho e, portanto, debrucei-me brevemente sobre o pensamento do filósofo em relação a esse tema.

Como já dito anteriormente, a compreensão de Heidegger acerca do homem e do mundo se difere radicalmente da compreensão da tradição, que os objetifica e coisifica. " ... poeticamente o homem habita... " (p. 165), o filósofo empresta as palavras de Holderlin para começar a pensar sobre o modo do habitar humano.

Esse modo do habitar, poeticamente, segundo ele, é o habitar *do homem*, não somente do poeta.

A arte do poeta consiste em desconsiderar o real. Em lugar de agir, os poetas sonham. O que eles fazem é apenas fantasiar. Fantasia são tecidas sem esforço. Fazer se diz em grego com a palavra *poiesis* [...]. O habitar do homem deve ser poesia? Deve ser poético? (HEIDEGGER, 2012a, p. 166).

Para compreender esse questionamento é preciso pensar sobre a poesia e sobre o habitar em seu vigor essencial. Nesse momento, é válida a introdução da palavra grega *poiesis*, que significa “não só poesia no seu sentido específico, como também criação ou produção em sentido mais amplo” (POMPÉIA; SAPIENZA, 2013, p. 157). Quando falo de poesia, nesse trabalho, é

¹⁰ Alguns dos textos do autor que contribuem a essas questões: *A origem da obra de arte* (1935-1962); *Holderlin e a essência da poesia* (1937); *Interpretação sobre poesia de Holderlin* (1944); *Carta sobre Humanismo* (1947); *O caminho do campo* (1950); *A coisa; Construir, Habitar, Pensar* (1951); “O homem habita como poeta...” in *Ensaio Conferências* (1951); *Introdução à Metafísica* (1953); *Da experiência do pensar* (1954).

sobre esse sentido que busco tecer uma compreensão. A respeito do habitar é importante trazer à luz que habitar não corresponde a possuir um domicílio, possuir uma construção onde se reside: “[...] nem todas as construções são habitações. Uma fábrica não é uma *habitação*, embora *construída*, um alojamento, embora habitado, não é uma habitação, um lugar para permanecer” (CESAR, 2015, p. 252). Heidegger compreende habitar enquanto o existir humano. Diz que Holderlin, ao falar do habitar, “vislumbra o traço fundamental da presença humana” (HEIDEGGER, 2012a, p. 167). E é na relação com esse habitar que se dá o “poético”, porque esse habitar só se dá mediante a construção de uma habitação. Pensando a essência do habitar como existência humana, a essência da poesia seria *o* construir da habitação: “[...] é a poesia que permite ao habitar ser um habitar. Poesia é deixar-habitar, em sentido próprio” (HEIDEGGER, 2012a, p. 167).

A poesia não é, portanto, nenhum construir no sentido de instauração e edificação de coisas construídas. Todavia, enquanto medição propriamente dita da dimensão do habitar, a poesia é um construir em sentido inaugural. É a poesia que permite ao homem habitar sua essência. A poesia deixa habitar em sentido originário. (HEIDEGGER, 2012a, p. 178).

Assim, a poesia não é coisa só dos poetas, o habitar poeticamente não é algo do reino da fantasia, que sobrevoa o real. É justamente a poesia “que traz o homem para a terra, para ela, e assim o traz para um habitar” (HEIDEGGER, 2012a, p. 169).

Um modo poético de dizer revela a verdade do ser. A poesia, então, é um desocultar. Mas um desocultar diferente do desocultar da linguagem da tradição.

A linguagem da razão, chamada em geral de linguagem do conhecimento, também desoculta, mas de um modo diferente, de um modo que dá explicações. Ela é própria das ciências, das teorias e mesmo de certas argumentações do cotidiano; ela, de certa forma, garante ou “obriga” que alguém entenda o que dizemos. (POMPÉIA; SAPIENZA, 2013, p.158)

A linguagem poética, diferentemente, não acontece no horizonte da explicação, mas da compreensão. A linguagem poética é a “essência” do *dasein*, é através dela que o homem pode habitar o mundo. É pela poesia e na poesia que tece seu existir.

MANOEL DE BARROS E FENOMENOLOGIA: encontro esticador de horizontes

(Pode um homem enriquecer a natureza com a sua Incompletude?)

(Manoel de Barros)

Tendo apresentado considerações sobre a fenomenologia-existencial e suas contribuições para uma aproximação da poesia, busco, no presente capítulo, desvelar o que chamo neste trabalho de um modo poético de ser. E me proponho a fazê-lo a partir de um mergulho nas palavras (e despalavras) de Manoel de Barros.

Para apresentar o poeta a quem lê esse trabalho, não poderia imaginar alguém mais adequado do que o próprio Manoel. Em seu livro *Poemas Rupestres*, ele escreve:

OS DOIS

Eu sou dois seres.

O primeiro fruto do amor de João e Alice.

O segundo é letral:

É fruto de uma natureza que pensa por imagens,

Como diria Paul Valéry.

O primeiro está aqui de unha, roupa, chapéu e vaidade.

O segundo está aqui em letras, sílabas, vaidades e frases.

E aceitamos que você empregue o seu amor em nós.

(BARROS, 2012, p. 437)

Manoel é carne e poesia. Esses dois seres, entretanto, podemos acreditar que habitem, lado a lado, o mesmo Manoel. Não parece ser possível separá-los, os dois Monoéis. O próprio poeta, em entrevista que concedeu a Rosidelma Fraga¹¹, quando perguntado sobre o seu sujeito lírico, respondeu “Meu sujeito lírico sou eu toda vida, toda hora, todo verso”.

Talvez, justamente por isso, faça sentido e graça na breve demora em alguns parágrafos sobre os trajetos de Manoel-unha-roupa-chapéu-e-vaidade para, então, mergulhar no Manoel-

¹¹ Entrevista que Manoel de Barros concedeu a Rosidelma Fragas para sua pesquisa de mestrado que foi, posteriormente, publicada no Portal eletrônico Entre Textos. As referências encontram-se ao fim deste trabalho.

letras-sílabas- vaidades-e-frases. Eis o que busquei fazer (e acredito, honestamente, ter de alguma maneira falhado - os dois seres de Manoel pregaram-me uma peça: teimaram em não se separar!). De qualquer modo, apresento a seguir, curiosidades de sua desbiografia - como gostava de falar - para, depois, navegar em seus poemas.

Retalhos desbiográficos de Manoel de Barros

Manoel, *fruto do amor de João e Alice*, não gostava de aparecer diante das câmeras, participou de poucos eventos literários e, por isso, muito do que se sabe a seu respeito é a partir de entrevistas escritas.

Manoel Wenceslau Leite de Barros nasceu em Cuiabá no Mato Grosso, no dia 19 de dezembro de 1916. Passou grande parte de sua infância na beira do rio. Gaston Bachelard (2009), filósofo cujo pensamento tem grande influência da fenomenologia, aponta para a presença dos devaneios e imagens da infância naquilo que diz o poeta. Segundo o autor,

(...) as imagens da infância, imagens que uma criança pôde fazer, imagens que um poeta nos diz que uma criança fez, são para nós manifestações da infância permanente. São imagens de solidão. Falam da continuidade dos devaneios da grande infância e dos devaneios do poeta (p.95).

Assim é a poesia de Manoel: povoada por imagens e solidão de sua criancês. O poeta, no documentário *Só dez por cento é mentira*¹², lançado em 2008 por Pedro Cezar, conta que busca sua poesia “no cofrezinho” da infância, uma infância no meio do mato, quieta, sem vizinhos, sem assuntos, cujo silêncio o levou a inventar. Fala, ainda, que sua poesia nasce do nada: de uma infância onde inventava esticadores de amanhecer, brincava de pegar a voz dos peixes, recolhendo desperdícios.

Manoel, quando jovem, estudou num internato, contam que não gostava de ler ou estudar, até descobrir os livros de Padre Antônio Vieira - com quem diz ter aprendido “a beleza de uma sintaxe”. Outro encontro que parecem ter influenciado sua liberdade e dança com as palavras foi o contato com a obra de Arthur Rimbaud (1854-1871). Manoel, estudante de direito, envolveu-se com pessoas engajadas na política, estudou Marx e chegou inclusive a entrar para

¹² *Só Dez Por cento é Mentira - Desbiografia oficial do poeta Manoel de Barros*, é um longa-metragem documental sobre a vida e obra do poeta. O documentário poético, ganhou diversos prêmios cinematográficos, convida a um mergulho nos versos e desbiografia de Manoel. É possível encontrar informações no site oficial, disponível em <http://www.sodez.com.br/index.htm>, e as referências encontram-se ao final deste trabalho.

a Juventude Comunista. Desconsolado, como conta, rompeu com o partido ao saber que Carlos Prestes apoiou Getúlio Vargas e foi, então, morar no Pantanal, na fazenda que herdara do pai.

Manoel viajou por um tempo, passando por Bolívia, Peru. Morou durante um período em Nova York, onde fez curso sobre cinema e artes plásticas envolvendo-se, também, com obras de artistas como Picasso, Miró, Van Gogh. Contava se encantar pela despreocupação com a linearidade de Chaplin e com a poesia da imagem de Federico Fellipni.

De volta ao Brasil, já formado em direito, conheceu a mineira Stella com quem logo se casou. Manoel conta ter trabalhado durante alguns anos para, então, poder “comprar o ócio” e ficar à disposição da poesia. Sobre esse seu processo de entrega às palavras, e seu “dialeto manoelês”, em um poema do *Livro sobre Nada*, o poeta escreve:

Escrevo o idioleto manoelês arcaico (Idioleto é o dialeto que os idiotas usam para falar com as paredes e com as moscas). Preciso de atrapalhar as significâncias. O despropósito é mais saudável que o solene. (Para limpar das palavras alguma solenidade – uso bosta.) Sou muito higiênico. E pois. O que ponho de cerebral nos meus escritos é apenas uma vigilância pra não cair na tentação de me achar menos tolo que os outros. Sou bem conceituado para parvo. Disso forneço certidão.*
(BARROS, 2010, p. 338)

Assim, falando com as paredes e com as moscas, Manoel atrapalhava as significâncias e chegava aos despropósitos. Por quase 50 anos, sua poesia ficou “guardada”, era pouco conhecida. Quando Manoel tinha por volta de 70 anos sua obra começa a ser mais conhecida e divulgada e, então, reverenciada. Ganhou diversos prêmio literários, entre eles dois prêmios Jabutis e chegou a ser declarado por Carlos Drummond de Andrade como o maior poeta brasileiro.

Também no documentário *Só dez por cento é mentira*, Manoel, diante da pergunta sobre como gostaria de ser lembrado, respondeu: “Permanecer como poeta. O ser biológico é sujeito às variações do tempo. O tempo só anda de ida. A poesia amarra o tempo no poste”. Assim parece ser. Em 13 de novembro de 2014 o tempo andou de ida e levou do mundo o corpo que era Manoel. Seu “ser biológico” viveu 97 anos. Seu “ser letral”, entretanto, permanece vivo em

cada existência que é tocada por sua poesia. Manoel “venceu” o tempo, o fez andar que não só de ida: amarrou o tempo no poste.

Manoel: seu dizer poético e fenomenológico

Para meditar sobre um modo poético de ser empresto, agora, dizeres de Manoel, *fruto de uma natureza que pensa por imagens*. Suas palavras não são aqui compreendidas como poéticas simplesmente por estarem, em sua maioria, (des)organizadas em versos, ou tampouco somente por sua insensatez sintática mas, sim, porque se apresentam como *poiesis*. Heidegger (2004), ao pensar sobre a poesia, escreveu que “A poesia não é nenhum jogo, a relação com ela não é o descanso jacosos que faz com que uma pessoa se esqueça de si própria, mas o despertar e a concentração da essência mais íntima de cada indivíduo, pela qual ele recua ao fundo de seu ser-*ai*” (p. 15). Manoel é poeta porque toca no lugar íntimo, Manoel, através de sua sensibilidade e palavras, alarga horizontes.

E ele vem alargar horizontes de um certo mundo. Um mundo particular: o onde vale a máxima “tempo é dinheiro”, tempo é produção. (Entendamos produção, aqui, como criação de produtos, conceitos, etc. a serem vendidos, produção como um fazer típico do sistema capitalista, dentro do qual tecemos nossa rede de significados atualmente). Nesse mundo, não há espaço para o que não serve à produção.

Em nossa época [...] em princípio, é produzível. Hoje tudo o que faz parte da realidade é visto ou como produção ou como matéria-prima para a produção, tudo se enquadra nesse esquema, e o que não se enquadra não é digno de ser pensado. Não há espaço para o que não se encaixa no pensamento calculador. Não há espaço para o mistério, para o sagrado; tudo, em princípio, está ao alcance da razão e da vontade. O pensamento reduziu-se ao imediato, encolheu-se o horizonte. (POMPÉIA, 2011, p. 126)

Não há lugar para o mistério. Nem para o ócio, para o sentir ou para o inventar sentidos ao existir. E, arrisco-me a dizer, não há espaço nem mesmo para o pensar. Nesse tempo - o tempo da Era da técnica - o pensamento, reduzido ao imediato, cálculo, ao comprovável, parece estar aprisionado a apenas um único modo de desvelar mundo: o da ciência.

Em relação a isso, entretanto, encontramos em Manoel de Barros, em uma passagem do *Livro sobre nada*, palavras de alerta:

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um

sabiá

mas não pode medir seus encantos.

A ciência não pode calcular quantos cavalos de força

existem

nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão de

adivinhar: divinare.

Os sabiás divinam.

(BARROS, 2010, p. 341)

O modo que a ciência se aproxima do mundo apreende mundo: é capaz de classificar, nomear, calcular e acumular informações sobre o mundo. Mas não é capaz de captar todo o mundo. O encanto de um sabiá não será apreendido pela ciência. Mas, seria por isso esse encanto desimportante? Seria esse encanto irreal? Não faria o encanto parte do mundo e do existir humano?

Um modo de ser, de estar no mundo, que simplesmente ignora os encantos (sejam eles dos sabiás, de um olhar ou de outras coisas quaisquer) parece empobrecer o existir. Se perdemos a possibilidade de sermos tocados pelo encanto, transformamos-nos em homens-coisa. Num mundo prático, utilitário, calculador, o homem afasta-se gradativamente de sua “essência” própria, de sua condição de ente que *existe* e não apenas *é*. O encanto, talvez, seja justamente o que funda um alguém que existe e não simplesmente *é*.

Manoel, desobediente, não aceita tal empobrecimento do ser humano. O poeta chama o homem à sua condição de ser que existe e que, por isso mesmo, tem seu ser sempre em jogo: é incompleto e a todo instante constrói seu existir.

A maior riqueza do homem

é a sua incompletude.

Nesse ponto sou abastado.

Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.

Não agüento ser apenas um sujeito que abre portas,

*que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.*

Perdoai

Mas eu preciso ser Outros.

Eu penso renovar o homem usando borboletas.

(BARROS, 2010, p. 374)

Manoel diz não aguentar ser apenas o sujeito que abre portas e olha relógios, que compra pão todos os dias pela manhã. Esse sujeito, homem-coisa, da produção parece não bastar. É preciso ser Outros! Manoel, em sua precisância, apresenta-nos a possibilidade de, talvez, usando borboletas renovar o homem. E como seria possível, então, renovar o homem? Em sua incompletude, talvez?

Se é incompleto, permanece em abertura. E *dasein* é abertura e é abertura no mundo (SÁ, 2005). *Dasein* é sempre tecitura de sentidos. Poderia essa sua condição aproximá-lo dessa borboleta que renova o homem? Renovado ou, renovando-se, o homem poderia não ser só homem-coisa, sujeito-que-puxa-válvulas, e ser, então, Outros.

Ao existir do *dasein* não basta o horizonte do homem-coisa, não basta o compreender calculista e científico. Para que seja possível habitar a terra, fazer do mundo morada, é preciso também do horizonte existencial. Manoel, com seu dizer poético, é capaz de abrir para quem o lê esse horizonte. E essa entrega se faz não no lugar do conhecimento conceitual, mas na poesia. Heidegger, sobre o poeta fala:

Quanto mais poético um poeta, mais livre, ou seja, mais aberto e preparado para acolher o inesperado é o seu dizer; com maior pureza ele entrega o que diz ao parecer daquele que o escuta com dedicação, e maior a distância que separa o seu dizer da simples proposição, esta sobre a qual tanto se debate, seja no tocante à sua adequação ou à sua inadequação. (HEIDEGGER, 2012a, p. 168)

Manoel, em sua liberdade, acolhe as coisas que a ele se apresentam em seu existir. Acolhe não somente no “estudar livros”, mas com todos os seus sentidos. E, assim, ele entrega o mundo, a palavra e a poesia com pureza a quem o escuta:

*Nosso conhecimento não era de estudar livros.
Era de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos.
Seria um saber primordial?
Nossas palavras se ajuntavam uma na outra por amor
e não por sintaxe.
A gente queria o arpejo. O canto. O gorjeio das palavras.
Um dia tentamos até de fazer um cruzamento de árvores
com passarinhos.
para obter gorjeios em nossas palavras.
Não obtivemos.
Estamos esperando até hoje.
Mas bem ficamos sabendo que é também das percepções
primárias que nascem arpejos e canções e gorjeios.
Porém naquela altura a gente gostava mais das palavras
desbocadas.
Tipo assim: Eu queria pegar na bunda do vento.
O pai disse que o vento não tem bunda.
Pelo que ficamos frustrados.
Mas o pai apoiava a nossa maneira de desver o mundo
que era nossa maneira de sair do enfado.
A gente não gostava de explicar as imagens porque
explicar as imagens afasta as falas da imaginação.
A gente gostava dos sentidos desarticulados como a
conversa dos passarinhos no chão a comer pedaços de
mosca.
Certas visões não significavam nada mas eram passeios
verbais.
A gente sempre queria das bração às borboletas.
A gente gostava bem das vadiações com as palavras do
que das prisões gramaticais.
Quando o menino disse que queria passar para as
palavras suas peraltagens até os caracóis apoiaram.
A gente se encostava na tarde como se a tarde fosse
um poste.*

*A gente gostava das palavras quando elas perturbavam
os sentidos normais da fala.*

*Esses meninos faziam parte do arrebol como
os passarinhos.*

(Barros, 2010, p. 450-451)

Manoel se coloca de tal modo em encontro com as palavras que permite elas se amarem. É assim que se ajuntam: por amor. O poeta, desprendendo-se das regras sintáticas, busca a palavra que gorjeia. Mas, ora... Como poderiam as palavras gorjear? Manoel diz ter ficado sabendo que os gorjeios, assim como os arpejos e canções, nascem nas percepções primárias. E que seriam as percepções primárias? Talvez, arrisco-me a pensar, seriam as percepções que acontecem em tonalidades afetivas de onde nasce a poesia. Da abertura do *dasein* que tece sentido, que habita a terra.

Manoel, nessa tonalidade ou afinação, desvê o mundo: desarticula o sentido usual das coisas. Os autores Senra e Ottari (2013) falam na poesia de Manoel de Barros como um constante desvelar de mundo: “os entes mostram-se fulgurações de suas existências e não palavras oriundas em dicionários” e continuam, afirmando que em sua poesia:

[...] os entes são mostrados enquanto reluzem, enquanto fulguram; e, não, na forma plastificada e saturada da imagem dicionarizada padrão. As palavras perdem o sentido dicionarizado para possuírem um novo sentido, separado das páginas fossilizadas, mas em contato com elas também (p. 67).

Assim, nesse desver o mundo, se abre possibilidade para a aparição de imagens poéticas. Para pensar a respeito dessas imagens que nascem na poesia, busco também o pensamento de Heidegger. O autor fala que “A essência da imagem é: deixar ver alguma coisa” (HEIDEGGER, 2012a, p. 177). E continua:

[...] a poesia fala por "imagens". Assim e num sentido muito privilegiado, as imagens poéticas são imaginações. Imaginações e não meras fantasias ou ilusões. Imaginações entendidas não apenas como inclusões do estranho na fisionomia do que é familiar, mas também como inclusões passíveis de serem visualizadas. O dizer poético das imagens reúne integrando a claridade e a ressonância dos muitos aparecimentos celestes numa unidade com a obscuridade e a silenciosidade do estranho (HEIDEGGER, 2012a, p. 177).

Para ele, o dizer poético das imagens reúne a claridade das coisas “do céu” em unidade com a obscuridade e silenciosidade do estranho. Esse lugar das imagens poéticas, seria então, o lugar de onde falam os poetas? De onde desvêm e despalavreiam o mundo? Manoel de Barros, em um poema do livro *Ensaaios fotográficos* escreve sobre esse lugar, esse “reino”:

DESPALAVRA

*Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da
despalavra.*

*Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades
humanas.*

*Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades
de pássaros.*

*Daqui vem que todas as pedras podem ter qualidades
de pássaros.*

*Daqui vem que todos os poetas podem ter qualidades
de árvore.*

Daqui vem que os poetas podem arborizar os pássaros.

*Daqui vem que todos os poetas podem humanizar
as águas.*

*Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo
com as suas metáforas.*

*Que os poetas podem ser pré-coisas, pré-vermes,
podem ser pré-musgos.*

*Daqui vem que os poetas podem compreender
o mundo sem conceitos.*

*Que os poetas podem refazer o mundo por imagens,
por eflúvios, por afeto.*

(BARROS, 2010, p. 383)

No reino da despalavra, do qual fala Manoel, os poetas podem ter a liberdade de compreender o mundo sem conceitos. É possível aumentar o mundo com as metáforas. Nos valendo do olhar da fenomenologia, poderíamos compreender esse aumentar o mundo como um alargamento das possibilidades um dar sentido a ele: as coisas podem ter qualidades humanas,

ou de pássaros. Até mesmo as pedras podem ter qualidades de pássaros! E os poetas podem ter qualidade de árvore...

E esse aumento, de mundo e de possibilidades, só é possível porque o poeta é *dasein*, é perguntar-se pelo sentido de ser, é buscar sentido de ser. Assim sendo, a cada instante, refaz mundo. Ao fazer das coisas pré-coisas, destituí-las de seus sentidos “naturais”, e revirar o *para* das coisas, Manoel muda o ser-para das coisas. O poeta nos entrega ao “abismo do não-sentido” e, assim, nos obriga a buscar novos sentidos.

Manoel de Barros entrega aos poetas e, talvez, à todos nós essa possibilidade (e também dever) que é característica fundamental do *dasein*: (re)fazer o mundo. Por imagem, por eflúvio e por afeto.

CONSIDERAÇÕES DE UM FIM: em sentido de novos começos

*Palavra poética tem que chegar ao grau de
brinquedo para ser séria.
Não preciso do fim para chegar.
Do lugar onde estou já fui embora.
(Manoel de Barros)*

A cada momento desse trabalho penso ter chegado. Chegado ao tempo que passou, ao tempo do agora e ao tempo de futuro. Sou sempre todas essas chegadas. Assim, agora, estando em seu fim, de algum modo dele já fui embora, assim como me projeto para outros lugares. Esse capítulo se dedica, então, a retomar brevemente os momentos desse percurso, mas também a apontar novos percursos e caminhos.

Para isso, inicio retornando ao começo desse trabalho. Volto à questão que me norteou na escrita deste: a busca pelos sentidos que se desvelariam ao encontro, a partir da postura fenomenológica, com a poética de Manoel de Barros. Me aproximei, primeiramente, do pensamento fenomenológico existencial de Martin Heidegger. O pensador, tendo oferecido uma concepção de ser humano enquanto *dasein*, enquanto aquele que tem de dar conta de si mesmo e que tem como característica fundamental o *ocupar-se* e o *cuidar* do existir, apontou para um instigar-se a respeito do modo como este habita o mundo. Valendo-me de textos em que o autor pensa sobre a poesia e sobre a poética como modo fundamental do *dasein* habitar mundo, teci uma compreensão a respeito de um modo de estar no mundo, em encontro com os fenômenos, que chamei, aqui, de modo poético de ser.

Esse modo poético de ser diz de um modo de ser no mundo da *poiesis*, de um fazer humano enquanto produção originária. Esse fazer, disse Heidegger (2012a), se aproxima do fazer do artesão. É um botar-se no-mundo em presença, em proximidade. Se o *dasein* é aquele que, fundamentalmente, está em constante inventar-se e a cuidar de tecer sentidos ao seu existir, *dasein* é, de algum modo, sempre artesão. É que, ao existir, está a lapidar seus sentidos. O habitar do *dasein*, então, é poesia.

Ao aproximar-me da obra de Manoel de Barros deparei-me com esse modo de ser do artesão: um modo poético de ser. Em entrevista para o documentário *Só dez por cento é mentira*, o poeta, sobre seu processo de criação, disse: "Inspiração só conheço de nome [...]. Poesia é o belo trabalhado. É uma artesanaria". Manoel era artesão. Em seus poemas aproxima-se das coisas

desimportantes e, assim, faz desver o mundo. Arranca das coisas a sua significação “natural” e, quando o faz, nos lança a uma afinação da perplexidade. A poesia barreana nos chama à condição de *dasein* e, desse modo, nos devolve ao existir em seu sentido originário. Portanto, fez-se nesse estudo uma compreensão da poética de Manoel de Barros enquanto possibilidade de uma abertura de mundo, um alargar de horizontes.

Diante dessas compreensões, o fim desse trabalho pôde fazer-se desfecho. Des-fechando, abre novas portas. Aponto, então, alguns questionamentos surgidos no caminhar desse estudo, que extrapolam a questão de norte inicial e podem, talvez, dar direção a novas investigações.

Ao longo desse trabalho deparei-me com sentidos que coloriram o mundo que habito, povoado, entre outras coisas, pela formação em psicologia. A compreensão a respeito de um modo poético de ser não se encerra, portanto, nesse estudo, mas transborda os limites de suas páginas. Essa compreensão se deu e se dá, a cada instante, incorporada: é um compreender em *totalidade*. Assim, pude pensar a poesia em encontro com o fazer da psicologia.

O fazer de psicóloga, para mim, tem se vislumbrado como um fazer da artesanaria, como um colocar-se em presença num tempo e sutileza onde os fenômenos *eles mesmo* possam brotar. É um fazer de olhar em proximidade, em intimidade. É um fazer de desvelar de sentidos e um cuidar do existir. E se dá num tempo muitas vezes outro, que não o do aprisionante tempo da era da técnica. Diante disso, apresento novamente as palavras de Manoel de Barros: “*que os poetas devem aumentar o mundo com as suas metáforas*” e, assim, estes poderiam refazê-lo “*por imagens, por eflúvios, por afeto*”. Não seria, pois, o fazer de psicóloga um fazer um tanto um fazer de poeta?

Além desse questionamento é preciso apontar um inquietamento que se fez presente em intensidade durante o caminhar do Trabalho de Conclusão de Curso. Desde o início desse percurso, deparamo-nos, nós estudantes, com a exigência da construção de uma pesquisa, um trabalho científico. Essa exigência, é evidente, funda-se numa concepção de conhecimento e de produção desde discutido nos capítulos anteriores: a concepção tradicional da metafísica. Busca-se, em grande maioria, desenvolver trabalhos que possam ser comprovados, replicados, reconhecidos por entidades científicas. O ambiente acadêmico, hoje, é intensamente atravessado por essa concepção. Até mesmo quando a proposta da produção de conhecimento parte de uma perspectiva outra, como propus-me a fazer nesse trabalho, acaba-se por esbarrar nesses enrijecimentos a respeito do modo do conhecer: é preciso justificar a relevância *científica* do estudo, produzir num tempo das burocracias, valer-se de autores “conceituados” para fundamentar o pensar, formatar a escrita de acordo com as normas brasileiras, etc. Percebo, ao

final de minha graduação, o quanto esse modo de fazer conhecimento, por vezes, acaba por empobrecer o próprio conhecer. Não raro, perde-se o fenômeno *ele mesmo* e se produz páginas e páginas de palavras vazias. Conforme apresentado no capítulo que discute o método deste estudo, a fenomenologia levanta diversas críticas a esse modo de fazer conhecimento e aponta para necessidade de um outro modo de proceder diante os fenômenos. Assim, apesar das limitações colocadas, busquei, nesse trabalho construir um pensar que não fosse vazio, que produzisse sentidos. Diversas inquietações surgiram ao longo do processo. Em alguns momentos vi-me silenciada pela exigência da produtividade, em outros, violentada pela fúria de Kronos... Houveram vazios angustiantes!

Outros vazios, entretanto, fizeram emergir poesia. Alguns por minhas mãos, outros escritos em parceria com uma colega, os versos¹³ puderam dar voz às inquietudes. Conversamos. Nosso existir gritava:

[...]

meu saber vai escorrer pelo mundo

feito rio correndo pedras

fresco

feito lágrima correndo rosto

intenso

meu corpo é de rua

vibra a urgência

o tesão do agora

meu pensar é assim

será assim

plasmático, água viva

viva!

basta de amarras em mim

cantemos, pois!

¹³ Alguns desses versos compartilho, ao fim deste trabalho (em ANEXOS – desimportâncias pós fim), com quem o lê.

*e dancemos.
namoraremos as palavras
ao som do infinito.
e os meus escritos
os nossos escritos
serão vida.*

(Heloisa Yzumida e Fernanda Tulha, 24 abril 2016)

Fica aqui, portanto, um saber que por vezes des-sabe. Um existir que busca ser presença. Uma compreensão angustiada e de inteireza. Um pensar incorporado. Uma dança, um canto, um namoro com as palavras – que elas se juntem e venham a mim não por sintaxe, mas por amor! Um conhecer que, pretensiosamente, ousou dizer ser desimportante. E que pretende continuar no caminho de um desver do mundo para, quem sabe, poder transvê-lo.

Finalizo, então, evidenciando a incompletude desse e de qualquer pensar. Por ser um fazer humano, é incompleto e é abertura. Sendo abertura, será reinventado – assim como o mundo: *por afeto*. Sua condição, de incompleto, angustia-me e, também, faz amá-lo. Minhas palavras finais são, portanto, não a constatação de uma hipótese, e tampouco a transformação do questionar inicial em teoria qualquer. Não cheguei a verdade absoluta alguma. Mas sim, cheguei, ao fim desse caminhar, à incompletude, ao amor e a seus silêncios. Meu silêncio. Silêncio.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Cristiane Sampaio de. A “desutilidade poética” de Manoel de Barros: questão de poesia ou filosofia? *Revista .doc*: ano VIII, n. 3, jan-jun 2007. Disponível em: <http://www.revistapontodoc.com/3_cristianesa.pdf>. Acesso em: 21 fev 2016.

Bachelard, Gaston. **A poética do devaneio**. 3 ed. São Paulo: WMD Martins Fontes, 2009.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BARROS, Manoel. "Sempre achei que poesia consiste em modificar a língua": entrevista. [fevereiro de 2008]. *Portal Entre-textos*. Entrevista concedida a Rosidelma Freitas. Disponível em: <<http://www.portalentretextos.com.br/entrevistas/sempre-achei-que-poesia-consiste-em-modificar-a-lingua,139.html>>. Acesso em: 20 mar 2016.

CESAR, Constança Marcondes. Habitar poeticamente a terra. *PIDCC*, Aracaju, v. 9 n. 3, p. 251-254, out 2015.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

CRITELLI, Dulce Mára. **Analítica do sentido**: uma aproximação do real de orientação fenomenológica. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DARTIGUES, André. **O que é fenomenologia?** 10. ed. São Paulo: Centauro, 2008.

DUTRA, Elza. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*. Natal, v. 7, n. 2, p. 371-378, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a18v07n2.pdf>>. Acesso em: 20 mar 2016.

GIACOIA Junior, Oswaldo. **Heidegger urgente**: introdução a um novo pensar. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

GOMES, Luciana Szymansky. Ribeiro. **O pensamento fenomenológico na formação do psicólogo: uma experiência de ensino na graduação**. 2006. 253 f. Tese (Doutorado em

Educação) – Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

Heidegger, Martin. **Ensaio e conferências**; Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Foge, Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis – Bragança Paulista: Vozes - Editora Universitária São Francisco, 2012a.

HEIDEGGER, Martin. **Hinos de Hölderlin**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo** (1927). Tradução de Fausto Castilho. Campinas - Petrópolis: Editora da Unicamp – Editora Vozes, 2012b.

JARDIM, Luís Eduardo França. Articulação da Afinação e a Arte para Martin Heidegger. *Existência e Arte*, v. 3, p. 1-11, jan-dez 2007. Disponível em: <http://fenoegrupos.com.br/JPM-Article3/pdfs/Jardim_filosofia.pdf>. Acesso em: 1 mar 2016.

POMPÉIA, João Augusto. **Os dois nascimentos do homem**: escritos sobre terapia e educação na era da técnica. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

POMPÉIA, João Augusto; SAPIENZA, Bilê Tatit. **Na presença do sentido**: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas. 2. ed. São Paulo: Educ - ABD, 2013.

SÁ, R. N. de. As Influências da fenomenologia e do existencialismo da psicologia. In: FERREIRA, A. A. L.; JACÓ-VILELLA, A. M.; PORTUGAL, F. T. (org.). **História da psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2005, p. 319-338.

SENRA, Flavio Pereira; OTTATI, Rafael. Ser-no-mundo: desvelar poético n’o livro das ignoranças. *Interdisciplinar*, Itabaiana, v. 19, n. 2, p. 57-70, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/viewFile/1638/1465>>. Acesso em: 22 mai 2016.

SILVA, André de Sousa. A existência em um mundo coisificado: Uma abordagem sobre a técnica contemporânea. In: Encontro Nacional da ANPOF, 16, 2014, Campos do Jordão. **Heidegger**. São Paulo: ANPOF, 2015. p. 194-206.

ZANELLO, Valeska. A linguagem poética em Heidegger. *Educação e Filosofia*, v. 18, n. 35/36, p. 279-310, jan./dez. 2004.

Documentário:

SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA. Direção e roteiro: Pedro Cezar. Brasil: Downtown Filmes, 2008. 81 min, color.

ANEXO (ou sem nexo): desimportância do pós fim**Palavras de inquietude – versos nascidos no processo da escrita deste trabalho****saber-vida**

você

fala em formatar

nos fala das normas

quero é for-matar

matar a forma

matar

destróçar forma.

que formas são essas?

as famosas camisas?

para os famosos ninguéns?

(camisas de força.

que força?)

aquelas que prendem

e dão como única possibilidade

o silêncio?

estou farta

farta

falta!

me falta...

um formato cheio de nada

saber oco

me é pouco!

não venho do "Pais dos Saberes"

essas não são minhas raízes

orgulho-me de cantar com os pássaros
com as pedras,
com as águas,
gozar com o simples.

meu saber vai escorrer pelo mundo
feito rio correndo pedras
fresco
feito lágrima correndo rosto
intenso

meu corpo é de rua
vibra a urgência
o tesão do agora

meu pensar é assim
será assim
plasmático, água viva
viva!
basta de amarras em mim

cantemos, pois!
e dancemos.
namoraremos as palavras
ao som do infinito.
e os meus escritos
os *nossos* escritos
serão vida.

(Heloisa Yzumida e Fernanda Tulha, 24 de abril de 2016)

PS.

Escrever em Absurdez faz coisa pare poesia.
Eu falo e escrevo Absurdez.

Me sinto emancipado

Hanoch n Barros